

Da Família Externa para a Família Interna: Uma Viagem Criativa

Vanna Puviani¹

Resumo

Este artigo é um relato da atividade realizada em dois dias no Encontro Internacional sobre Terapia Familiar sobre a função da psicoterapia. Apresenta propostas de ideias inovadoras e de novas práticas que transformam psicoterapia em poesia. O desenho é a principal atividade e, conseqüentemente, representa o tratamento. Descreve algumas sessões de treinamento nas quais o Símbolo, usado no desenho pelos participantes torna-se um recurso para o autoconhecimento. Descreve dois casos onde variadas imagens representam ferramentas utilizadas para estimular perguntas e respostas. O desenho é concebido como ferramenta de autorevelação. Em um dos casos, a conversa com uma família, baseada nos desenhos produzidos, é um exemplo de como o caos pode ser transformado em uma nova ordem. Qual é a ideia principal que guia todas estas conversas? É a ideia de ativar novas práticas por meio do desenho de maneira que a pessoa possa descobrir a si mesma e favorecer o nascimento de pensamentos criativos. Minha proposta ao terapeuta-artista é baseada no fortalecimento dos sentidos para permitir que indivíduos, casais e famílias redescubram a beleza da vida e suas paixões.

Palavras-chave: arte, desenho; psicoterapia e poesia; criatividade e cura; autoestima.

From The External Family To The Internal Family: A Creative Journey

Abstract

This article is a report of a two-day Congress about the function of psychotherapy. It presents proposals of innovative ideas and of new practices which transform psychotherapy into poetry. Drawing is the main activity and, consequently, it also represents the treatment. The article describes some training sessions in which the Symbol, used in the drawing by the participants, be-

¹ Psicóloga e Psicoterapeuta. Especializada no uso terapêutico de linguagens não verbais na Psicoterapia Imaginativa e em Psicoterapia Sistêmico-Relacional, com o uso dirigido do desenho para tornar visíveis as relações e para ativar a autocura. Especializada em Psicotraumatologia com o método EMDR. Docente da Università degli Studi di Bologna no Curso e Mestrado "La Psicomotricità nell'azione educativa". Docente junto a diversas Escolas de Especialização em Psicoterapia.

comes a source for self-knowledge. Two different cases are described where various images represent the tool used to stimulate questions and answers. The drawing is conceived as a tool of self-revelation. In one of the cases, the conversation with a family, based on the drawings produced, is an example of how chaos may be transformed into a new order. What is the main idea guiding these conversations? It is the idea of activating new practices through drawing so that a person may discover himself and it is aimed at favouring creative thoughts. My proposal of the new figure of the artist-therapist is based on enhancing senses so as to let the individual, couples and families re-discover the beauty of life and passions.

Keywords: *art, drawing, creativity and cure; psychotherapy and poetry, self-esteem.*

Introdução

Este trabalho visa realizar a apresentação das ideias, dos instrumentos e dos exercícios realizados durante dois dias do Encontro Internacional de Terapia Familiar em comemoração ao Dia Internacional da Família - ATF-RJ - 23 e 24 de Maio de 2014, para compartilhá-los e difundi-los; para provocar a curiosidade de outros colegas sobre a procura da beleza da Psicologia e da Pessoa; para sermos muitos em busca da *saúde*, isto é, da *integração* entre as nossas partes internas e externas, que serve para reacender as *emoções*. As emoções são vistas como ponto de *encontro* entre pensamento e ação, entre si mesmo e o outro, entre pessoas e ambiente. É por meio das emoções que nós podemos nos conectar uns aos outros, em particular em família.

Quando a *integração* se torna visível, se transforma em compaixão e gentileza.

As ideias são os nossos modos de ver e de conhecer

Nós, com estes dois dias de encontros...

Vamos comemorar tantos encontros...

Meu desejo é comemorar muitos bons encontros. Para nos encontrarmos com nós mesmos e com a nossa capacidade de amar, para nos encontrarmos entre nós e com as nossas famílias internas, para reconhecer os cuidados das nossas famílias externas.

A minha proposta é podermos, juntos, dar vida a novas ideias. As ideias são os nossos modos de ver e de reconhecer.

Encontrar-se = apaixonar-se

Encontrar-se – no sentido de *apaixonar-se* pelas ideias, pelas coisas, pelas pessoas... deixando-se atrair por elas.

Encontrar-se – no sentido de criar o encontro entre mente e coração, entre o ato de conhecer e o ato de amar: essa é a *inteligência do coração*.

E se o encontro entre mente e coração não existe? Nasce o sintoma...

O sintoma é como a expressão de novas urgências, de novos encontros. Por meio do sintoma a psique requer atenção e cuidado, que servem para criar novos encontros: a crise serve para dar novamente vida às emoções.

Como acolher o sintoma?

Com gratidão, como uma *graça* e não uma *desgraça*.

O sintoma como oportunidade

O sintoma é uma possibilidade que nos é oferecida, e o terapeuta deve descobrir a sua forma mais dramática para transformá-la em uma forma poética, através de uma viagem criativa que serve para transformar o sintoma em símbolo, a dor em emoção.

A cura?

Dar outra vez significado e amor à própria história através da narração, utilizando o desenho e a narrativa. A palavra viva é aquela que faz com que as realidades interna e externa se encontrem.

O desenho desperta palavras vivas

Imagem e palavra não são mais vistas como contrapostas, hemisfério direito e hemisfério esquerdo separados, mas como experiência de integração. A imagem que toma luz e forma com o desenho e adquire um sentido com a palavra que narra. Em quais momentos...

A palavra, de repetitiva, torna-se criativa?

E, assim, transformadora? Quando readquire a sua relação com a imagem, quando descreve a imagem, quando dá novamente voz e vida a uma história que havia se tornado muda e invisível, para reconhecê-la e compartilhá-la.

Quanto a nós? Propomos uma posição estética

Onde a *estética* é a busca pela beleza, é a consciência do conhecer com todos os sentidos, é ir à procura dos pontos que unem as diversas partes, verbais

e não verbais, internas e externas, individuais e familiares. A postura *estética* é uma postura de criação e recriação.

“É a beleza que salvará o mundo” (Dostoiévski, 2002, p. 89)

E nós?

Nós passaremos a salvar a beleza!

Nós podemos buscar a beleza!

Nas coisas, nas ideias, nas pessoas.

A nossa busca? Que o mundo da psicologia salve a beleza

Uma psicologia à escuta de uma mente-pessoa-mundo que se conhece e evolui em busca da beleza... A fim de ter e dar felicidade.

Pretende ser um convite concreto para reconhecer e buscar, nas pessoas e nas famílias, a beleza que está nas relações de cura que nascem precisamente na própria família e na família devem ser cultivadas.

O desenho é o nosso instrumento de comunicação com a família

O desenho e as palavras

Todos nós sabemos que há realidades que não podemos mudar, mas podemos mudar o modo como as vemos e as narramos.

O desenho e as palavras que o narram criam mundos novos, novas histórias.

O desenho para narrar e comunicar

Sem que jamais se interprete o desenho, onde está o efeito benéfico? Está nas emoções e nas imagens que suscita e evoca. É o desenho para narrar e comunicar que se torna autorrevelação.

Usando as palavras de Bateson (1979), posso dizer que oferecemos às pessoas a possibilidade de *ser criatura* e ao mesmo tempo *criador*. “Cada pessoa se torna artífice da sua própria cura” (Bateson, 1979, p. 274).

À criança

Propomos um percurso criativo de dez encontros, onde a cada vez temos a nossa proposta de um tema símbolo escolhido e a sua resposta com gestos, cores e formas, com os quais dá vida ao seu desenho, que ele abriga em sua folha em branco. Com essa conversa simbólica e alegre ele se narra, se escuta e vai buscar e encontrar a própria história. E reencontrando as suas imagens e as suas palavras se acalma, porque se vê e se faz ver: é como se reencontrasse o sorriso do autoconhecimento.

Ao adulto

Propomos um percurso criativo com ciclos de cinco encontros no consultório e o convite para uma consulta ao dia consigo mesmo, em casa, para praticar exercícios de relaxamento que servem para favorecer encontros cotidianos de autoconhecimento e, portanto, de autocura. A ele também oferecemos a possibilidade de ver de maneira nova, isto é, criativa, as relações que ele tem com os seus familiares, e de descobrir as relações deles entre si e com a própria casa, a fim de reconhecer os símbolos da própria família. Através do desenho, ele pode tornar visíveis os seus Problemas e possíveis as suas Soluções, pode reconhecer as pessoas próximas e aquelas distantes, as pessoas presentes e aquelas ausentes, para poder *escolhê-las* em vez de suportá-las em cada fase do seu ciclo vital.

Ao casal

Propomos uma viagem especial, que serve para buscar os caminhos simbólicos para ter bons encontros consigo mesmo e com o outro e poder assim cuidar do nascimento e do crescimento da própria história amorosa, a fim de que esta se torne, ela mesma, a cura do indivíduo e do casal. É o casal visto como se fosse uma criatura em contínuo *crescimento*, com as *crises* que assinalam a urgência da passagem de uma fase à outra do crescimento, todas a serem reconhecidas e utilizadas como boas oportunidades evolutivas.

À família

Propomos um diálogo com as imagens e através das imagens, feito de perguntas e de respostas sempre novas que, como em um jogo de espelhos em movimento, tornam visíveis novos conhecimentos a respeito de si e do outro, novas surpresas, novos humores, novas belezas. O Genograma Simbólico: um instrumento útil para reconhecer a própria família interna e a externa, as próprias imagens e as dos outros. Os objetivos são o desenvolvimento dos recursos emocionais e o reconhecimento das habilidades próprias e alheias, para criar *sintonia* e curiosidade entre os componentes da família e sanar as distâncias e conflitos.

Crianças e adultos

Todos com um papel ativo, todos em busca da própria história, para saber *de quem se é*, para reencontrar a *intimidade* da própria casa e dos próprios afetos e a *imensidão* das próprias paixões e das próprias atrações.

A linguagem da mudança

Watzlawick, Beavin e Jackson (1978) define a *linguagem da mudança* como a linguagem da *fertilidade* e da *criação*.

O resultado? O resultado é que tanto quem cura quanto quem é curado sai transformado desses encontros de criatividade e construção, porque a arte é sempre transformação, seja do objeto criado, seja do seu próprio criador.

Criatividade

Aqui, a criatividade é entendida como método e como visão, como olhar: como capacidade de poder sair do próprio limiar para poder enxergar o mundo com os olhos do outro.

Criatividade quer dizer também reinventarmo-nos como observadores, mais curiosos sobre as pessoas e as famílias, para buscar nas casas, nos objetos, nos corpos, nos rituais, nos jogos... os variados modos que as pessoas tem de criar as relações importantes.

Até mesmo dentro de uma bolsa podemos descobrir a história de uma mulher e reacender a sua emoção ao narrar a si mesma e para nós!

O objetivo? Viver em um estado de integração

Ou seja, de bem-estar e saúde.

Bateson (1976) nos explica essa ideia de saúde com a definição do *estado de graça*, que existe quando as razões da *razão* coincidem com as razões do *coração*.

Siegel (2001) explica a ideia de saúde como estado de *integração*.

A saúde mental

Para Siegel (2001), a saúde está em nossa capacidade de permanecer no centro do *rio do bem-estar* que flui... adaptando-se à mutação das situações... com flexibilidade.

Podemos imaginar uma margem que representa o caos, uma condição de ausência de controle, confusão, agitação...

A outra margem representa a rigidez, a presença de controle, que significa impor o controle sobre tudo aquilo que nos rodeia... coisas e pessoas.

A integração dentro de nós

Como favorecer o desenvolvimento e a integração das várias partes, e o encontro dos vários personagens familiares que moram dentro de cada um de nós?

Com o desenho e a narração do desenho.

Com o exercício de variadas artes.

Integração = emoção

Nestes dois dias nos dedicamos a *ver* e *fazer* diversas experiências que servem para favorecer uma *integração* cada vez maior...

As emoções

Como ponto de *encontro* entre pensamento e ação, entre si e o outro, entre pessoas e ambiente.

É através das emoções que nós podemos nos conectar uns com os outros, em particular em família.

Apenas quando atravessamos as emoções é que elas podem desenvolver o poder de cura do qual são portadoras: por causa das emoções é que se adoecer e é através das emoções é que se fica curado.

Atravessar as emoções e as experiências com:

Os olhos da mente e do coração bem abertos

Como podemos usar as emoções para melhorar e curar, para crescer e aprender? Para remediar os danos causados pelas emoções?

Como podemos valorizar aquela força que nos conduz em direção à cura? E que cada pessoa e cada família possui?

Como criar as circunstâncias favoráveis para ativar a autocura?

Entendendo-se por cura...

Entendendo-se por cura não apenas o resultado de uma terapia bem sucedida, mas o processo que é ativado desde o primeiro momento.

É talvez esse profundo senso de *integração interpessoal* que está na base da cura, que se pode reconhecer em cada ato terapêutico. Como escreve Watzlawick, Beavin e Jackson (1978), em cada comunicação há dois aspectos a integrar: o *conteúdo* e o *relacionamento* humano.

O *conteúdo*? Eu creio no poder transformador do Símbolo, se utilizado com esta finalidade, conforme Jung nos indica. O Símbolo torna-se um aliado terapêutico: cada paciente, cada família estabelece um relacionamento consigo mesmo e com o terapeuta através da imagem simbólica. O paciente e a família são encorajados, cada um, a criar imagens e a colocar-se em um relacionamento consciente com os símbolos próprios e os alheios, para deixar-se emocionar e transformar por eles.

O processo terapêutico? A terapia é sempre um *relacionamento*, ainda que seja um único encontro. Eu acho muito eficaz a proposta de um *setting tripolar* (Luzzato, 1989): paciente, família e terapeuta que, juntos, veem o desenho nascer e juntos escutam a narração do desenho, criando uma grande curiosidade e cumplicidade. A imagem mental externalizada, torna-se uma espécie de criatura, que exprime e gera emoções, um terceiro objeto que contém e transforma, que suscita outras imagens ainda, outras histórias, novas revelações de si e do outro.

Ver o que existe ali é uma arte

Poder traduzir em Símbolos os próprios pensamentos e abrir espaço para a imaginação, para o sonho e para o jogo pretende ser um modo eficaz de comunicação, isto é, de liberar emoções intensas, para que todos se sintam melhor, para que fiquem todos mais felizes, o paciente, a família e o terapeuta.

Os exercícios são os nossos modos de nos ver e de nos reconhecer

O meu desejo? Cuidar das terapeutas e dos terapeutas presentes. Nesses dois dias, eu desejo propor algo de útil para que cada participante pudesse cuidar de si mesmo e de si mesma.

E assim iniciamos *uma viagem criativa*, com três Exercícios.

Primeiro exercício

Com o primeiro exercício, fomos em busca do que? *Em busca das próprias qualidades-guia* que são as que dão sentido e alegria à própria vida, que nos fazem sentir fortes e em condições de lidar com as situações difíceis.

A - primeira proposta: “identificar uma excelente qualidade própria, da qual se tivesse orgulho, escolhê-la e a seguir escutar com muita atenção as sensações físicas que ativa, as emoções que desperta e a postura que estimula se a pessoa tivesse que representá-la, para ativar a integração mente-corpo”.

B - segunda proposta: “visualizar o recurso escolhido como se fosse um *símbolo* e então representá-lo em uma folha com um desenho colorido”.

C - terceira proposta: “por-se a recordar de um episódio antigo no qual o uso dessa qualidade levou ao sucesso e à confiança em si mesmo”.

Todas essas fases devem ser escritas, a fase B também é desenhada, e a seguir devem ser contadas ao vizinho, porque a narração, o nomear a capacidade escolhida e o compartilhá-la ativam outras emoções e reforçam outras integrações e pensamentos positivos.

A narração feita entre as duplas de participantes teve um resultado muito alegre e curioso: uma bela metáfora do encontro desejável entre terapeuta e paciente!

Segundo exercício

Com o segundo exercício, fomos em busca do que? *Em busca dos nossos recursos relacionais*, modelos positivos, figuras reais e/ou míticas que nos pusemos a escolher porque os reconhecemos atenciosos e encorajantes e cheios de qualidades, todas a serem despertadas.

A – “cada participante vai procurar o próprio modelo, o próprio *coach* interior, que tem aquelas qualidades muito apreciadas e desejáveis, o que equivale a dizer: quero ser igual a quem...? E ao responder a essa questão, criamos nós mesmos. Passamos em revista os personagens da nossa vida para escolher, dentre eles, um: talvez um avô, um professor, um pai, um amigo, um irmão ou uma irmã? Quem sabe um escritor, músico ou ator? Talvez um político, um revolucionário, um pensador? Ou algum santo?”

B – “escrever o nome e as qualidades dessa pessoa, o porquê de ser um bom *coach* e onde ele nos ajuda”.

C – “escrever as palavras que ele nos diria para nos apoiar; de que forma ele nos fala e nos olha? O que ele nos diz?”

“Quais são as palavras mais positivas que pode dizer no momento para nos encorajar? E quais gestos nos mostra que sejam positivos e agradáveis? Sorri ou berra?”

“Escrever e em seguida contar ao seu vizinho”.

É o mesmo procedimento para ir encontrar a própria equipe interior de *coaches*: tantas possibilidades, tantas capacidades e conselhos diferentes que tantas pessoas nos trazem à tona.

Terceiro exercício

Com o terceiro exercício, fomos em busca do que? *Em busca da sala do coração*, a fim de descobrir as *coisas secretas*, escondidas em cada um de nós, porque o desenho nos faz de espelho, nos remete a novas consciências, novas qualidades.

A proposta é que cada participante desenhe o próprio Genograma Simbólico.

“Usando uma folha branca, escolher a forma e a cor da moldura dentro da qual acolher os componentes da própria família trigeracional, utilizando, seja para si mesmo que para os próprios entes queridos, somente os *símbolos* escolhidos, aqueles mais representativos das qualidades e individualidades de cada personagem familiar.

Em busca da própria família interna e dos próprios recursos simbólicos, das próprias proximidades e distâncias, presenças e ausências. E num segundo momento vai-se à procura consciente das próprias emoções ligadas às separações, quando com uma moldura interna cria-se um subsistema que tenha *dentro* as pessoas que vivem atualmente juntas e *fora* as pessoas que atualmente vivem fora de casa.

Objetivo dos exercícios

Poder conhecer, ao fim desses dois dias, quais recursos levar conosco: uma *família interna mais plena de recursos* energizantes cognitivos e imaginativos, para podermos nos sentir mais corajosos, mais capazes, mais gratos.

Uma bela visita de gratidão, para agradecer a quem cuidou de nós, para acolher as qualidades agora despertas e reconhecidas.

Não descobrimos nada de novo, mas sim redescobrimos, com olhos mais atentos e curiosos.

Este é, para mim, o objetivo principal da formação em práticas de cura. Não a aquisição de técnicas, mas a *construção de uma relação harmônica entre teoria e prática*, entre si e o próprio agir.

A cura torna-se assim um tipo singular de olhar sobre o mundo, sobre as coisas, sobre as ações que se praticam. Torna-se uma prática do agir com atenção e com curiosidade, sempre *em busca do baú do tesouro* que cada pessoa e cada família esconde e revela. Em busca daquela *sabedoria* que cada pessoa e cada família mostra aos olhos atentos do terapeuta, que sabe reconhecê-la.

Meu desejo é que esses dois dias nos permitam conhecer ainda melhor o ser humano, ou seja, nós mesmos! Para celebrar o triunfo das qualidades sobre a doença, o triunfo do símbolo sobre o sintoma, o triunfo da poesia sobre o drama.

As histórias são as oportunidades úteis para produzir mudanças em nós

E assim cada um de nós pode se tornar um trovador que deseja trazer à tona o tesouro escondido em cada um, um apaixonado pela vida que a canta onde quer que seja e dá voz, visibilidade e vida às histórias dos outros.

Com projetos sob medida, tal qual uma costureira que sabe confeccionar roupas personalizadas para mostrar o *Todo-Possível*, à descoberta do *Rei*, do *Herói* e da *Fada* que vivem em nós, para redescobrir o próprio valor, para multiplicar as nossas possibilidades.

E nós fomos observar algumas histórias, nascidas e transformadas graças a encontros especiais, aqueles encontros que são sempre uma boa resposta à dor, à felicidade, ao mal, ao tédio, ao amor... e curam as solidões e as distâncias.

Os encontros mais especiais são aqueles encontros com nós mesmos, que podemos descobrir e comemorar graças aos bons encontros com o outro.

E as histórias contêm as ocasiões de mudança, na vida dos personagens e na vida dos ouvintes; elas nos ensinam que as coisas podem ser diferentes do que são, convidam a quem as escuta a ter uma postura confiante, a crer que o bem é mais forte que o mal.

O que aprendemos com a história de Franz?

Quem é Franz? É um rapaz de 19 anos, que se apresenta como se estivesse *perdido*, junto com sua família, depois que uma garota entrou e saiu de sua

casa, e ele, desorientado, acha o Pronto-Socorro como refúgio para os seus ataques de pânico, e não encontra mais a porta de casa quando se enche de vinho, e não encontra paz na escola, de onde é expulso por causa de atos obscenos.

Ele se descreve no início como um rapaz fracassado, e abre a sua história com um título preciso: “não tenho vontade de comer...” [sic]; para a mãe, o título é “não ri mais...” [sic]; para o pai, “não estuda mais...” [sic], como se fosse descartável, feito uma coisa qualquer que não usamos mais ou não queremos mais. Cada definição traz um verbo em negação. Todos estão de acordo quanto ao *não*...

Quem sabe cansado de um estilo de vida *de lixeira*, ou talvez porque *foi re-(a)colhido* pelo seu médico de família, ele aceita o convite para procurar soluções alternativas.

Mostra-se a mim desejoso de sair desse túnel, e solicita isso como se pedisse para nascer, para voltar a nascer, para sair do canal uterino, estreito e escuro, para chegar a um mundo novo, o *seu* mundo, a ser explorado e conhecido por inteiro.

E eu, nós, bem como vocês, no papel de obstetras, temos este grande privilégio de *fazer nascer as subjetividades*, de fazê-las sair para não deixá-las morrer sufocadas.

E o *nascimento* da sua individualidade, para o nosso *Franz*, ocorre junto e graças ao nascimento das suas paixões reconhecidas, dos seus interesses reacesos. E o seu ser interessado e interessante é um sucesso.

É como se eu tivesse lhe dado a permissão; ofereço-lhe uma caneta nova e muitas folhas em branco e com o gesto da sua mão ele abre alas na folha e nasce; com o *eu quero*... que eu lhe proponho, ele nasce e inicia o seu caminho sobre o papel, deixando pouco a pouco traços de si, da sua história. É como se toda a carga vital que estava adormecida há cerca de dois anos, ali, naquele espaço e naquele tempo de uma sessão, de repente tivesse despertado e começado a tomar forma, transformando-se em interesses – projetos – ideais. Conforme a folha se enchia, ele se carregava de coisas para fazer, de livros a estudar, de boas intenções e de belos planos, até que nasce nele a ideia da Universidade, nasce o Estudante que existe nele, até mesmo aquele que tinha adormecido, e parece nascer também o Filho, que enfim entra em sua casa reencontrada e *espera os pais à mesa*.

Este é o nascimento psicológico, este é o nascimento do Eu protagonista, que talvez tenha dado coragem ao nosso Franz de efetuar as suas escolhas, capaz de redescobrir os olhos cheios de surpresa e de maravilha a sua nova família, na qual tornar a entrar, em vez de uma família contra a qual ter que se rebelar. Uma família reencontrada depois que ele se reencontrou de novo íntegro.

A nova história, reescrita por ele mesmo:

“Eu quero voar correr berrar tocar cantar pular sair me divertir comer olhar para fora escrever abrir as janelas e respirar o ar, olhar para fora para ver o que eu fazia quando era pequeno... compreender para saber tudo e tirar 10... ficar mais no alto, onde todos me veem e eu rio...” [sic].

A nova história, vista por ele:

“Agora tenho vontade de estudar, acompanho com interesse as aulas, antes adormecia na sala de aula, como mais... sinto que tenho um relacionamento mais ativo com o mundo. E enfim a maior surpresa para os meus pais: a minha intenção de ir para a Universidade” [sic].

O que aprendemos com a história de Rosa Folha?

Rosa Folha é uma jovem de 23 anos que mostra a dor do isolamento no interior da sua família após um episódio traumático que sofreu sem saber, com a cumplicidade e a traição de algumas pessoas importantes da sua família. Demonstra tristeza no presente e medo do futuro, com o desejo de chorar em vez de rir... uma vida despedaçada.

Até que... consegue pedir ajuda a Larissa, a Terapeuta que frequenta o Curso de Desenho, e lhe é feita a proposta de *fazer imagens* e, portanto, de expressar-se somente de modo simbólico. A moça conseguirá encontrar as suas melhores partes, a sua coragem e a sua vontade de sorrir à vida e às pessoas.

Ela pôde usar as imagens para ver o seu Problema e ver a sua Solução, para reconhecer o próprio Símbolo e o dos seus familiares. Pode usar o seu gesto para exprimir as emoções e usar as palavras para contar o evento traumático de maneira simbólica.

Através de um percurso de cinco dias, com um encontro por dia, pôde transformar em poesia o seu drama, pôde transformar a imagem de não ser amada, de ter sido traída, de não poder confiar... nos seus familiares, em uma imagem de si positiva, corajosa e à altura da difícil situação.

Toda a relação terapêutica se desenvolveu em um *continuum* comunicativo que ia de um extremo intrapsíquico, com um encontro íntimo e silencioso entre a moça e as suas imagens, a um extremo interpessoal, com um encontro especial, ou seja, poético-simbólico entre a moça e a Terapeuta. O fundo era representado pelo grupo em formação, que observava os seus desenhos e preparava novas propostas de diálogo, e o objetivo final era representado *pelo novo encontro com os seus familiares*.

E assim foi: ela, de vítima da prepotência familiar, torna-se aquela que cura as suas relações familiares.

A nova história reescrita por Rosa Folha:

4° Dia: “Vejo tudo diferente. Tudo muda, mesmo me agredindo. Porque dentro de mim tem paz, alegria, amor. E eu vejo a vida com outros olhos. Não tenho como agradecer! Olho pra eles e não sinto nada! Foi como tirar com a mão um peso de cima de mim! Nossa! Sou outra pessoa! ... Tem até sol! Antes não tinha sol na minha vida. Era tudo escuro. Agora não! Tem sol e muito sol! É tudo lindo! E eu posso ver” [sic].

“Tem flores... É... eu estou curada!!!! Eu estou curada!!!! Não sei como agradecer!” [sic]

O que aprendemos com essas duas histórias?

Vimos duas histórias que se transformam, *do estado anestético*, insensível, que leva esses dois jovens a estarem à mercê de eventos externos, *em um estado estético*, sensível aos chamados da própria voz interna, a voz do *eu quero*, do *eu sou*. É como se a partir daquele momento, começassem a obedecer ao próprio Eu e assim pudessem ver as demandas externas, as dos familiares, não mais como obrigações mas como escolhas.

Aprendemos que uma vida assim narrada, com a escrita, por Franz, e com o desenho, por Rosa Folha, é como se tivesse virado poesia, e é como se os tivesse transformado, mas nós também, porque esse é o poder da Arte e da Beleza que aquela contém: de envolver todos os que a encontram e sabem apreciá-la. E nada mais é como antes. Porque é como se esses dois nascimentos estimulassem certo nascimento nosso, algo que estava adormecido, que desperta e nos traz confiança, talvez entusiasmo, quem sabe *interesse em continuar a buscar...*

O trabalho de formação e o trabalho clínico que eu imaginava é o da *busca*.

Buscar o que? Buscar a beleza. A beleza entendida como *estado de graça*, como nos indica Bateson (1976, p 161), ou seja, como harmonia, como integração, como correspondência entre mundo interno e mundo externo, a fim de conhecer o mundo interno através dos objetos externos e vice-versa. Ele convida o *terapeuta-artista* a usar todos os sentidos e os símbolos certos para encontrar e permitir conhecer o belo.

O que é o belo? É um objeto que toma forma, é uma história que se *transforma* porque adquire luz, torna-se visível e é traçada, desenhada e escolhida pelo seu autor. Ele se torna o artífice da própria cura, ainda segundo diz Bateson (1976). Ele encontra e a seguir ele mesmo é transformado pelas suas soluções criativas, se levado ao contexto certo, pronto para expressar e suscitar emoções, como cada obra de arte ou espetáculo da natureza sabe fazer.

Este é o objetivo dos nossos dois dias de *bons encontros*: o de continuar a buscar..., ir do aqui e agora ao... e *depois*? E é precisamente esse espaço de tempo que cria a magia da surpresa, da curiosidade, do interesse.

A maravilha nasce quando, no cotidiano e no já conhecido nasce alguma coisa a mais, que vai perturbar, deslocar o modo de ver as coisas, vai abrir novos horizontes através da pergunta, através do ponto de interrogação, que é substituído, no nosso diálogo, pelo momento de interpretação. Nós não damos respostas, nós fazemos perguntas para ativar o processo de autoconhecimento, e, logo, de autocura.

A viagem criativa (de uma criança e de sua família) em busca de um abraço

Por último, conto a vocês a história desta criança, que na realidade foi a experiência de abertura deste Evento, organizado com o propósito de comemorar o Dia Internacional da Família.

Conto-a por último para que permaneça nos nossos corações para sempre.

A colega Marilena tem sob tratamento esta família, composta dos pais e dois filhos adotados, um rapazinho de oito anos, que chamaremos Paolo, e uma menina de cinco anos, que chamaremos Giulia; é uma família em busca da cura para a agressividade que o filho demonstra ao lidar com as coisas e as pessoas.

O pedido de Marilena, uma colega cheia de uma curiosidade muito especial, é o de organizar um encontro entre nós duas e a família, a fim de que eu possa propor também uma conversa simbólica, com o uso do desenho.

A mãe se apresenta com os dois porque o pai está ausente trabalhando.

E Paolo, como que para mostrar plena fidelidade ao seu papel, cria logo uma atmosfera circense, com saltos e lançamentos de brinquedos, com os quais envolve a irmã e provoca a mãe. Como reage a mãe? Ela se mostra e se diz impotente e dominada pela situação e parece procurar a nossa compreensão e cumplicidade, em vez de pedir ajuda.

Na sala reina o caos, mas para minha grande surpresa, vejo a colaboração de todos com o meu pedido de passar das imagens concretas – cenas de vida cotidiana – às imagens simbólicas: parte-se para o desenho. Todos acolhem a proposta de desenhar o Problema que cada um julga mais urgente. Como se na folha em branco fosse possível encontrar um espaço vital mais delimitado e claro e no gesto gráfico se pudesse canalizar e reorganizar a desordem interna e externa. E nasce uma imagem em cada folha, com um título, e a seguir uma história. E então peço a cada um que desenhe também a sua melhor Solução e que

eles escrevam o título da própria obra e logo após novamente todos escutem a narração do desenho que cada um propõe.

E então a mãe pode expressar finalmente a sua *tristeza* através da narração do *Problema* traçado no seu primeiro desenho e pode exprimir também a capacidade de *falar junto* com a boa *Solução* que ela escolhe com o segundo desenho.

E Paolo pode exprimir a *distância* do pai como *Problema*, isto é, como defesa contra pedidos não compartilhados e depois pode expressar a *proximidade* com o genitor como *Solução*, através da proposta de um *abraço*! O *abraço* torna-se o título e a narração do seu desenho!

E daqui parte uma nova conversa entre os corpos e as imagens, com abraços dados e evocados, procurados e recebidos, e isso se tornará o nosso tema dominante no encontro.

E haverá também a *busca pelos abraços* simbólicos que moram naquela família, que eles descrevem como *uma boa refeição* ou *uma boa torcida na partida de futebol* e tantos outros hábitos que reconhecem como *abraços*.

E em seguida temos a busca da expressão gráfica da raiva que nasce com a falta do abraço e a busca gráfica da alegria que nasce com a presença do abraço. E todos os três enchem a folha de cores e de emoções, e interagem observando os desenhos próprios e os alheios.

E ainda uma outra proposta, que é a de dar forma e visibilidade ao seu animal ao escolhê-lo e desenhá-lo, animal este pensado como a nossa parte mais instintiva e afetuosa, e num segundo momento curaremos também o *dragão zangado* de Paolo, que encontrará a calma, como ele nos sugere, com a *proximidade com o passarinho*, o animal escolhido pela mãe. E então é como se Paolo nos mostrasse escolher a mãe como quem irá curar, por intermédio dessa forma simbólica do encontro entre os dois animais. Portanto é como se escolhesse curar a (tristeza da) mãe fazendo-a sentir-se na plena eficiência do seu papel! Fantástico! Assim como no segundo desenho ele tinha escolhido o abraço do pai como o que curaria a distância. E se esse menino escolhe os pais como *bons pais*, capazes de trazer curas boas, pode automaticamente encontrar o seu lugar e se sentir um *bom filho* e, logo, tranquilo.

Giulia também nos surpreende com a escolha do seu animal: “uma tartaruga capaz de colocar muitos ovos, dos quais nascerão muitas criaturas que farão aquela família tornar-se grande” [*sic*], uma boa solução de cura através da escolha da imagem da fertilidade!

Para amplificar essas boas *Soluções* dos filhos e trazer maior consciência a todos, peço à mãe que desenhe os contornos de uma grande casa, para que se veja capaz de ser e atuar como recipiente.

E com um traço decidido e cheio de prazer nos mostra a sua casa, que logo será completada com a chaminé fumegante de Giulia e as janelas de Paolo. E agora aquela casa pode conter todas as emoções desenhadas e narradas: a raiva e a serenidade, a tristeza e a alegria, porque todas as emoções têm igual dignidade e valor. As emoções são e exprimem a nossa parte mais vital e integradora, se acolhidas e reconhecidas como boas. As emoções transformam os sintomas em símbolos.

E por fim, para envolver o pai, no momento ausente, mas já evocado pelos filhos, faço a proposta à colega de, no próximo encontro, pedir ao pai que desenhe um belo jardim junto à casa, que abrigará os animais deles e será embelezado e completado por todos.

No fim do encontro, enquanto temos a nossa conversa com a mãe sobre a proposta do jogo noturno, com a explicação das regras, das vezes de cada um e do objetivo... as duas crianças desenhavam outras cenas de vida no quadro, com grande cumplicidade e tranquilidade, enquanto escutam o diálogo dos *grandes*. Desta forma, é como se nos mostrassem uma situação familiar recomposta, que do caos inicial disforme, com as pirraças de Paolo, tenha gerado uma forma, um encontro entre os dois irmãos, com limites portadores de paz.

Como se cada um tivesse encontrado o próprio papel e o prazer de exercê-lo, tivesse encontrado os próprios afetos e o prazer de expressá-los.

Iniciamos com *um abraço de contenção*: essa era a solução que os pais tinham encontrado para imobilizar o filho zangado, e chegamos a *um abraço de amor*: essa é a solução que Paolo nos propõe! Como a nos indicar os segredos da cura.

Os segredos da cura nós não podemos conhecê-los, mas apenas reconhecê-los!

Considerações finais

No início deste encontro apresentei algumas palavras como guia para as nossas atividades durante os dois dias, tais como: *símbolo, integração, encontro, enamoramento*... todas *palavras* usadas como sinônimos... com o mesmo significado de *cura*.

Ao fim do congresso encontramos o *abraço* que o menino Paolo nos propôs como a melhor síntese de *cura*!

E usamos os *abraços* para nos cumprimentar e para proclamá-los os nossos melhores e mais afetuosos instrumentos de *cura*!

Para completar a magia do *abraço*, nos chegou a notícia de que exatamente no dia do nosso encontro com a família, na quinta-feira 22 de maio de 2014, comemorava-se o *Dia Internacional do Abraço*!

Portanto, como poder dar, cada um de nós, uma contribuição de qualidade para ajudar as pessoas a sentirem-se menos sozinhas e a *Abraçarem a Vida*? É um convite aberto a todos aqueles que buscam a paixão na profissão.

Referências

- Bateson, G. (1976). *Verso un'ecologia della mente*. Milano: Adelphi.
Bateson, G. (1979). *Mente e natura*. Milano: Adelphi.
Dostoiévski, F. M. (2002). *L'idiota*. Milano: Feltrinelli.
Luzzatto, P. C. (2009). *Arte Terapia*. Assisi: Cittadella .
Siegel, D. (2001). *La mente relazionale: neurobiologia dell'esperienza interpersonale*. Milano: Raffaello Cortina Editore.
Watzlawick, P, Beavin, J.H. & Jackson, D.D. (1978). *Pragmatica della comunicazione umana*. Roma: Astrolabio Editore.

Endereço para correspondência

vanna.puviani@gmail.com
www.segnoedisegno.it

Enviado em 29/10/2015
1ª. Revisão em 17/01/2016
Aceito em 27/03/2016